

ROMENO E PORTUGUÊS: BREVE ABORDAGEM COMPARATIVA

Juan Rodrigues da Cruz (UFF)
juanrodrigues@id.uff.br

RESUMO

O presente trabalho propõe uma breve abordagem comparativa entre características da morfologia de duas línguas românicas, ambas faladas por milhões de pessoas atualmente: o romeno e o português. Infelizmente, nota-se certo apagamento por parte dos estudiosos da área de Linguística Românica, ao menos no Brasil, quando tratamos do primeiro, o que pode ser corroborado com a controversa ideia de que o romeno não poderia ser considerado língua românica. Essa irmã da nossa língua vernácula difere dela em vários modos, a começar em seu alfabeto, como nos mostra a gramática de Gönczöl-Davies (2008), o qual conta com 31 letras, por exemplo. Nossa análise, de cunho principalmente morfológico, será baseada numa comparação entre essa obra e outro manual dessa língua, de Fernando Fonseca (1944). Essas características próprias são justamente o que faz o romeno ser digno de estudo comparativo, considerando que através dele podemos entender melhor tanto a evolução do latim quanto a formação da nossa própria língua. Para isso, traçaremos comentários sobre a história interna e externa do romeno, propondo sempre que possível comparação com o português. Haverá também um breve comentário sobre a formação da literatura romena, visto que tem algumas articulações com o uso inicial dessa língua.

Palavras-chave:

Romanística. Comparação morfológica. Romeno e português.

ABSTRACT

This paper shows a brief comparison between morphologic characteristics of two Romance languages, currently spoken by millions of people: Romanian and Portuguese. The former, as a starting point, is often not approached, at least in Brazil, when we start studying said language family, which can be associated with controversial, to say the least, thoughts that Romanian is not to be considered part of it. This sister of Portuguese differs from it in several aspects, starting with its alphabet, which has a total of 31 characters, for a start, as shown by Gönczöl-Davies (2008). Our analysis will be based on a comparison between this and Fernando Fonseca's (1944) treaty on Romanian language, focusing only on Morphology. A few unique characteristics are what makes Romanian be deserving of a comparative study, considering that by means of one we may be able to understand better both the evolution of Latin into its daughter languages and the development of our own native language. For that purpose, we will make a few comments regarding the internal and external history of Romanian, proposing, whenever possible, a comparison between it and Portuguese. There's also a brief explanation on the basis of Romanian literature, given its relation to early usage of said language.

Keywords:
Romanistics. Morphological comparison. Romanian and Portuguese.

1. Por que interessar-se pelo romeno?

O presente artigo se vincula ao campo da Linguística e da Filologia Românicas, tendo como objetivo principal propor uma breve comparação entre a história e a gramática de duas línguas românicas: o português e o romeno¹. Ambas, apesar de serem irmãs, possuem grandes diferenças entre si, o que pode ser o principal motivo pelo romeno ser pouco discutido e abordado nos estudos romanísticos, ao menos no Brasil, considerando a pouca oferta de cursos dessa língua em Instituições de Ensino Superior, o que é revelado por Silvio Elia em seu prefácio à *História Breve da Língua Romena* de Alexandru Niculescu (1983).

Inclusive, um fato que deve ser mencionado é que, no Brasil, ao menos, há pouca disponibilidade de referencial teórico somente sobre o romeno. Há, claro, menções e capítulos dedicados a ele em manuais famosos de Linguística e Filologia Românica, como os de Ilari (2018), Bassetto (2001)² e Elia (1974), porém não há manuais mais recentes com foco somente nessa língua. Por isso, destacamos a *História Breve* de Niculescu, dá década de 1980 o qual ainda pode ser encontrado em lojas online, como a Estante Virtual, ainda que por preços que possam não ser acessíveis ao consumidor. A título de informação, podemos mencionar outras obras que achamos ao longo da pesquisa que constituiu o nosso trabalho: a *Gramática da Língua Romena*, de Dobrinescu (1978) e o *Método Prático da Língua Romena*, de Fernando Venâncio Peixoto da Fonseca (1944). Respectivamente, o primeiro está disponível para venda *on-line*, ainda que por preços possivelmente inalcançáveis ao grande público, enquanto o segundo está disponível *on-line*: mencionamos nas referências do trabalho o endereço em que é possível acessá-lo.

O interesse do autor pelo assunto aqui discutido surgiu durante seus estudos em um curso de especialização, cujo trabalho de conclusão

¹ Nota: Em obras mais antigas, encontra-se a nomenclatura *valáquio*, que caiu em desuso. No trabalho, usaremos somente a denominação contemporânea e mais popular.

² Recomendamos a leitura do artigo que o professor Bruno Bassetto escreveu, para o CIFE-FIL. Esse pode ser acessado nos anais do VIII CNFL, no endereço <http://www.filologia.org.br/viiiicnlf/anais/caderno06-11.html>.

desenvolveu uma análise comparativa das principais³ línguas românicas, focado na expressão gramatical de gênero, momento no qual houve o primeiro contato com o romeno e suas características. Durante o processo de desenvolvimento desse trabalho, consultou-se o manual de Ismael Coutinho sobre filologia românica (1970), em que há uma frase que despertou, ainda mais, a vontade de se aprofundar sobre o assunto: Coutinho, renomado pesquisador brasileiro, afirma que a rigor o romeno não seria uma língua românica, considerando que grande parte de seu léxico não teria origem latina. Nosso trabalho tem, por último, como objetivo, formar uma base de informações devidamente sistematizadas para o público interessado na área tenha uma fonte de estudo e possa tirar suas próprias conclusões sobre o tema a partir da leitura e interpretação de nosso trabalho.

Esse interesse se intensificou com a posterior leitura de Crystal (2000), autor britânico que, ao discutir a questão da morte e extinção linguísticas, propõe alguns pontos para embasar seu argumento de que línguas devem ser estudadas e preservadas. Um desses é justamente a questão de que as línguas, por conta própria, são interessantes, o que se percebe quando notamos que algumas têm características únicas que as diferem de outras. No caso específico do romeno, essas serão abordadas e desenvolvidas adiante, em seções próprias.

Antes de começarmos nossa análise, precisamos mencionar que o autor do trabalho não é fluente ainda em romeno, apenas é um curioso estudioso do idioma e um entusiasta em pesquisas na área de linguística comparativa e histórica, com foco nos romances. Por isso, demos prioridade a exemplos com traduções disponíveis ao menos para o inglês, a partir das quais fizemos uma para o português. As fontes originais são sempre mencionadas ao longo do trabalho. Convém destacar que também há uma sessão para referências bibliográficas, na qual as obras que foram mencionadas ao longo do texto são dispostas por ordem alfabética do sobrenome do autor, para que interessados possam procurá-las caso interessados, sempre respeitando as regras estabelecidas por órgãos oficiais brasileiros.

³ Usamos esse termo e seus sinônimos sem intenção de menosprezo às demais línguas da família. Porém, há de se mencionar que há escassez de material sobre as gramáticas do occitano e do dalmático, por exemplo, em português, o que impossibilita, ao menos no presente momento, uma análise comparativa do romeno com outras de suas irmãs.

2. *Língua romena: história interna e externa*

*Deșteaptă-te, române, din somnul cel de moarte,
În care te-adânciră barbarii de tirani!
Acum ori niciodată, croiește-ți altă soarte,
La care să se-nchine și cruzii tăi dușmani.*

Esses são os primeiros quatro versos do Hino Nacional da Romênia⁴, um país na Europa Ocidental casa de cerca de 19 milhões de habitantes, cuja capital é Bucareste. Esse nome, convém dizer, a nível de informação, conforme Donato (1951), é uma evocação aos tempos históricos romanos. À primeira vista, o público leitor pode ter uma enorme dificuldade para entender o que o texto quer dizer, visto que inicialmente não percebemos nenhuma palavra parecida com as que usamos no português contemporâneo e, aparentemente, não há cognatos. Porém, o romeno e o nosso português são irmãs: desenvolveram-se a partir de um mesmo ancestral comum. Ambas são descendentes do latim, usado no Império Romano e através de sua expansão difundido por grande parte do mundo. Esse parentesco é explicitado por Niculescu, que define romeno como a *língua latina falada, sem interrupções, na parte oriental do Império Romano*. Uma leitura mais atenta permite que deduzamos algumas correspondências entre algumas palavras no texto e as que usamos atualmente. Essas incluem *române* (romenos), *Deșteaptă-te* (forma de ‘despertar’ no imperativo: despertai), *barbarii* (bárbaros) e *tirani* (tiranos). Não é curioso que essas línguas, apesar de terem as mesmas origens, sejam tão diferentes uma da outra? Por que isso acontece? É o que abordaremos nessa seção.

As diferenças entre o romeno e o português têm, sobretudo, uma dimensão histórica que remonta a tempos antigos, ainda no Império Romano. Resumindo o que Bassetto (2001) nos propõe, as legiões romanas se expandiram por várias frentes, incorporando territórios ao longo de cerca de 200 anos, inclusive antes do início da era cristã. Por exemplo, a região que hoje corresponde ao Norte da Itália, a Gália Cisalpina, foi conquistada em 191 a.C. A última dessas conquistas foi, justamente, a Dácia, cujo território hoje envolve partes da atual Romênia, onde houve presença romana, segundo Salles (1993), até 271: nesse momento, a administração retirou-se do local, mas a população originada do contato entre nativos e latinos, os daco-romanos, permaneceu. Essa distância

⁴ O texto completo, junto de uma tradução para o português e um vídeo legendado, pode ser encontrado em: <http://www.romenos.com.br/novo/index.php/hino-da-romenia>.

temporal entre as assimilações de colônias é um dos motivos pelos quais as línguas que se desenvolveram em cada uma das colônias romanas sejam tão diferentes umas das outras, como desenvolveremos adiante, a nível linguístico.

Logicamente, os habitantes nativos de cada uma dessas regiões tinham uma língua própria, a qual foi assimilada pelos romanos, os quais incluíam soldados de todas as partes do Império, transformando o seu latim (o qual, à época da chegada às regiões almejadas, já era bastante diferente daquele falado na *Caput Mundi*), caracterizando o que Donato chama de concessões: essa língua continuou sendo usada como base da comunicação, mas teve que acomodar-se à maneira própria de manejo e pronúncia de cada povo, imprimindo nele características próprias de suas línguas originárias. Esse foi, segundo Fonseca (1959), um dos motivos pelos quais o latim vulgar se diferenciou. Essa diferenciação deu origem, para o autor português, a dois *latins vulgares*, com uma variante ocidental (envolvendo as regiões a Oeste da Itália) e outra oriental (que originou, posteriormente, línguas como o romeno e o dálmata, já extinto). O fato de o romeno ser a única língua românica a se desenvolver na Europa Ocidental já o faz ser digno de destaque, considerando que ter características únicas é um dos pontos defendidos por Crystal (2000) para justificar o estudo de línguas.

Imagem 1: As línguas românicas: Sua extensão na Europa.



Fonte: COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970. (Biblioteca Brasileira de Filologia).

Há de se destacar, por último, que a Romênia atual encontra-se distante das demais regiões que, originalmente foram colônias romanas, hoje são países independentes, o que pode ser comprovado a partir da interpretação da figura 1, tirada de Coutinho (1970), a qual reflete também o relativo isolamento da língua que lá e usada atualmente. Isso tam-

bém se reflete nos seus tímidos números de seus falantes, em comparação com os de suas irmãs: conforme dados da plataforma Ethnologue o romeno tem cerca de 24 milhões de falantes, presentes principalmente em dois países distintos, Romênia e Moldávia, além de gozar de limitada presença em regiões de diáspora, como Armênia, Israel e Estados Unidos. Um total relativamente baixo comparado aos cerca de 500 milhões de falantes do espanhol, por exemplo. A nível de curiosidade, já que o trabalho analisa com minúcia os pontos de convergência e divergência entre duas línguas da mesma família, podemos destacar que, na Moldávia, o romeno assume o nome moldávio e pode ser escrito tanto em cirílico (na região da Transnístria) quanto no alfabeto latino.

As causas desse isolamento se dão, para Dauzat (1953), por causa das invasões eslavas que ocorreram no século XIX. As últimas ligações intermediárias entre as partes Ocidental e Oriental do Império Romano, para o autor francês, mantiveram-se por mais algum tempo. O dálmata, uma delas, foi extinto em 1898 com a morte do seu último falante, Tuone Udaina. Houve também a relativa presença do italiano, trazido de Veneza desde a Idade Média, o qual acabou sendo posteriormente substituído por outras línguas pelas as populações que se encontravam próximas ao litoral da região.

A figura 1 também nos mostra a situação específica do romeno, a qual contribui para que este seja diferente do português. Por isso, é necessário também traçar um comentário sobre o estrato linguístico do romeno. Sendo cercado por regiões que falam línguas não românicas, de base eslava (caso do búlgaro) e urálica (húngaro), por exemplo, não há como negar que o romeno sofreu influências totalmente diferentes das suas irmãs no Ocidente do Império Romano. Esse superstrato, para Ricardo Salles (1993), envolve bases de três ordens: além das eslavas e húngaras que já mencionamos, há também a presença de elementos turcos. Dessa forma, pode-se dizer que outra contribuição latina foi o desenvolvimento de feições românicas para os elementos ‘de fora’. Baseando-nos no autor, faremos uma breve exposição das contribuições externas ao latim para o romeno. Para isso, também será necessário entender um pouco de história.

Entre os séculos VI e VII, os eslavos, então usuários de uma protolíngua, o eslavônico, conquistaram a região da Península Balcânica até o Mar Egeu, realizando então um processo de ‘eslavização’ sobre os primeiros búlgaros, que se desenvolveram no século VII no local que hoje corresponde à Bulgária. Quando as línguas eslavas modernas já tinham

consolidado suas formações, houve a influência ativa sobre o romeno de outras línguas da região: russo, ucraniano, búlgaro e servo-croata. Merece destaque a contribuição russa, que por sua vez se acentuou tempos à frente, já no século XX, com o desdobramento da Segunda Guerra Mundial. Durante o conflito, a região dos Bálcãs foi ocupada pelas forças soviéticas e, por isso, o russo deixou, diretamente, suas contribuições. Essas incluem, por exemplo, sufixos para indicar o feminino. Esse contexto talvez seja o motivo pelo qual, para o autor, aproximadamente 15% do léxico romeno contemporâneo tenha origem eslava, em estimativas de Salles.

Outra matriz foi o turco, cuja contribuição é de aproximadamente 3%, e datam do século XV, em concomitância à queda de Constantinopla (1453). Essa língua deixou termos que, de forma bastante interessante, não são totalmente desconhecidos e ininteligíveis para nós, falantes de português, caso de *şerbet* (sorvete) e *caiac* (canoa, caiaque). Além dessas duas, houve também certa presença do grego, originados tanto no latim clássico quanto no latim bizantino, com termos ligados à religião, espiritualidade, comércio e navegação. O grego moderno, além disso, também contribuiu para as demais línguas eslavas, e não engloba as românicas.

Foi somente a partir do século XVIII, mais de 1000 anos após as primeiras contribuições eslavas, portanto, que houve um movimento de ‘relatinização’ romena, o que ocorreu no mesmo momento em que na Europa ocorria o Romantismo. Nesse contexto, houve inúmeros empréstimos, vindo principalmente do francês e do italiano, assimilados pelo romeno. Essas contribuições incluem, por exemplo, *speranță* (do italiano *speranza*> esperança), *admirație* (do francês *admiration*> admiração) e *sculptură* (do francês *sculpture*> escultura). Visivelmente, o significado desses termos pode ser facilmente depreendido pelos lusófonos, mesmo os que nunca estudaram romeno, visto que são bastante próximos aos seus correspondentes em nossa língua.

3. A relação língua x literatura romenas

Apesar de não ser o foco do nosso trabalho, achamos de bom tom mencionar o surgimento da literatura romena, considerando que esse está associado, também, à fixação dessa língua. Fizemos isso para destacar em que momento, aproximadamente, ela passou a ser uma entidade independente e assumir próprias suas feições particulares, a diferindo, portanto, das demais usadas nas redondezas.

Em primeiro lugar, Silvio Elia, sobre a literatura romena, menciona que essa tem base no daco-romeno⁵, uma das variedades dessa língua. Outra dessas é o mácedo-romeno, também chamado arromeno, que não teria desenvolvido literatura, de domínio estendido fora do território da Romênia, por estar presente também em países como Grécia e Albânia. Há também o istrorromeno, com forte viés eslavo. Por último, há o meglesita (chamado por Elia de *meglenita*). À exceção do daco-romeno, todas as demais variantes são consideradas como ameaçadas de extinção, considerando que têm números de falantes cada vez menores e pouca documentação, mas esse assunto poderá ser desenvolvido em outro momento.

Pode se destacar que o isolamento geográfico romenófono, que mencionamos anteriormente, também deixou marcas na produção escrita nessa língua, conforme Tagliavini (1952) propõe. O autor italiano nos propõe que a literatura romena compartilha seus fundamentos com a eslava, e para entender isso também é necessário retomar aos conhecimentos históricos. Por exemplo, em 1204, um dos fundadores do Império Búlgaro, Joanitzes da Bulgária, recebeu sua coroa uniata, isto é, de cristão grego que reconhece e aceita a autoridade papal, como *Rei dos Búlgaros e dos Valáquios*. Esse fato, um dos primeiros relativos à história romena, corrobora a visão de que a influência de matrizes não latinas se estendeu para além do campo linguístico.

Nesse contexto, o primeiro texto escrito totalmente em romeno que resistiu à passagem do tempo e chegou à contemporaneidade data de 1521. Este se trata de uma carta particular de Neacșu Lupu⁶, um comerciante da região que hoje corresponde à Valáquia, para informar a Johannes Benkner, prefeito de Brașov (nome latino *Corona*), à época parte do Reino da Hungria, sobre o iminente ataque dos otomanos na Transilvânia. Tagliavini, sobre o assunto, menciona que há chances de que houve textos anteriores em que se usou o romeno como língua escrita, como um juramento datado de 1482, mas estes não foram conservados. Posteriormente, a literatura inicial nessa língua desenvolveu-se com textos de cunho religioso, devido à Reforma Protestante, também ocorrida no século XVI, momento em que se começou a usá-la para escrever, deixando de

⁵ Esta acabou sendo a variação que, posteriormente, acabou sendo adotada como a padrão.

⁶ Há um portal destinado a uma análise da Carta, em inglês, disponível em: <http://www.cimec.ro/Istorie/neacsu/eng/default.htm>. Esse inclui, além do texto, uma apresentação sobre pessoas e eventos nele mencionados, além de considerações sobre a língua usada para escrevê-lo.

lado o latim e o grego. No que tange ao catolicismo, a Bíblia, por sua parte, só teve sua primeira edição inteiramente em romeno em 1688, ainda que traduções parciais tenham sido realizadas anos antes.

Através desses fatos podemos concluir que a literatura romena teve um desenvolvimento tardio em comparação à escrita em português, considerando que se supõe⁷ que o texto mais antigo na nossa língua date do século XII. Portanto, diferentemente do que ocorreu com a nossa, não é possível dizer que existiu uma literatura medieval romena.

4. *Convergências e divergências*

Haja vista a enorme dimensão que o trabalho poderia alcançar se a análise feita fosse de todos os níveis linguísticos, e por restrições devido às regras para editoração estabelecidas pela publicação, a nossa análise será destinada somente às maiores diferenças e semelhanças entre o romeno e o português somente na área da Morfologia e não na Sintaxe, por exemplo. Isto também se dá por causa da indisponibilidade, para o autor, como já mencionamos, de um material mais completo em português sobre a gramática romena.

Retomando o Hino Nacional, também é possível perceber outros recursos que o português não tem. Estes incluem a presença de *ș*, *ă*, *î* e *ț*, letras que foram inclusive assimiladas ao alfabeto romeno, fazendo-o ter 31 letras, situação diferente das nossas 26, conforme nos mostra a gramática de Gönczöl-Davies (2008, p. 3). Em termos fonéticos, podemos propor que estas letras equivalem aos sons /ʃ/, /ə/, /i/ e /ts/ do português. Sobram 27, correto? A letra extra, no caso, é *â*, que também representa o som /i/.

Fora essas exceções, o alfabeto romeno contemporâneo tem as mesmas 26 letras que o nosso. Um ponto de convergência entre os dois é a questão das letras que só devem ser empregadas em situações especiais: caso de Q, W e Y no romeno (enquanto no português, isto se dá com K e não Q). Essas três só ocorrem em palavras estrangeiras e suas adaptações para o romeno (exemplos: *Quintillian*, *watt* e *yoga*). No caso de K, este

⁷ Usamos o verbo ‘supor’ e não outro que indique mais certeza considerando que ainda não foi alcançado um consenso sobre o texto mais antigo em português. Há vários textos medievais, de épocas diferentes, como a Notícia de Fiadores (1175), a cantiga da Garvaia de Paio Soares de Taveirós (ca. 1198) e o testamento de Afonso II, terceiro rei de Portugal, que data de 1214, os quais já foram considerados como tal.

só se usa em neologismos e estrangeirismos. Consideradas essas exceções, nos é possível traçar um paralelo entre a língua romena e o português pós-Acordo Ortográfico de 2009.

Outro fato que difere, bastante, o romeno do português é que o primeiro manteve, em sua gramática, a expressão do gênero neutro, nessa língua também chamado ambíguo. Diferentemente do latim, em que havia uma forma própria dos substantivos nesse gênero, o romeno faz essa inclusão englobando o masculino quando em termos no singular e o feminino quando no plural. O português, como sabemos, não tem essa expressão, ainda que tenhamos vestígios dela em alguns limitados pontos de nossa gramática, como os pronomes demonstrativos e indefinidos, além de sujeitos indeterminados em construções como *Limonada é bom*. No romeno, Gönczöl-Davies nos mostra que o neutro emprega-se, principalmente, tanto para nos referirmos a seres inanimados⁸ quanto em neologismos. Alguns exemplos dessa regra são: *stilou* (caneta), *ferăstrău* (serra), *dulap* (armário) e *ghiveci* (vaso de flores). Há exceções, porém, pois há seres animados que também se encaixam no neutro, caso de: *personaj* (personagem) e *mamifer* (mamífero). Provavelmente, a existência do neutro em romeno contemporâneo pode ser mais uma contribuição de estrato, mas não nos aprofundaremos nisso no momento, havendo a possibilidade de um estudo nesse sentido em outra ocasião, com mais aprofundamento.

Outra diferença no campo da morfologia é que o romeno manteve alguns dos casos latinos, algo que as demais línguas românicas não têm atualmente. Esses são: nominativo, acusativo, dativo, genitivo e vocativo. Junto a isso, há também a presença de declinações próprias a cada caso. O português, atualmente, tem somente dois casos: reto (outra nomenclatura para o nominativo) e oblíquo.

Há também a presença de uma terceira forma de artigos, chamados demonstrativos ou adjetivais, por virem usados antes de adjetivos. Esses podem ser usados não só, mas também, antes de orações relativas (*Cea care a intrat e Raluca* > A que entrou é Raluca) e para enfatizar um substantivo ao qual o adjetivo se une (*Mircea cel Bătrân* > Mircea, o Velho).

⁸ A autora menciona que esses incluem substantivos dos seguintes campos: objetos em geral, alguns materiais e matérias, a maior parte dos esportes, substantivos abstratos, nomes de cores e termos derivados de verbos no supino.

Os adjetivos romenos, conforme Fonseca (1944) incluem as seguintes categorias: possessivos, demonstrativos, interrogativos e indefinidos. No português, não há uma classificação totalmente aceita desses, considerando as inúmeras características que um adjetivo pode assumir dependendo do contexto em que é empregado. Porém, um fato curioso o qual podemos mencionar é que essas categorias têm equivalências no português, ainda que em classes gramaticais diferentes. Na tabela 1 faremos um pequeno resumo dessas, com exemplos em ambas as línguas. Novamente por questões de regras de editoração e diagramação da pesquisa, optamos por mencionar somente algumas formas, evitando várias flexões. Os interessados em aprender as demais podem consultar as obras de Fernando Venâncio (capítulo VII) e Ramona Gönczöl-Davies (capítulo 4) para se aprofundarem. É interessante destacar que algumas das formas se parecem e é possível depreender o que elas indicam mesmo sem conhecimento prévio de romeno.

Tabela 1: Categorias dos adjetivos no romeno, alguns exemplos e suas possíveis equivalências no português.

Romeno	Português
Adjetivos possessivos (<i>meu, tău, său, nostru, ...</i>)	Pronomes possessivos (meu, teu, seu, nosso, ...)
Adjetivos demonstrativos (<i>acest, acel, celălalt, ...</i>)	Pronomes demonstrativos (este, aquele, o outro, ...)
Adjetivos interrogativos (<i>care, ce, cât</i>)	Pronomes interrogativos (qual, quais, que)
Adjetivos indefinidos (<i>nicium/nicio, mult, ambii/ambele, ...</i>)	Pronomes indefinidos (nenhum/nenhuma, muito, ambos/ambas, ...)

Fonte: elaboração do autor, a partir da leitura de Fonseca (1944).

A presença dos casos latinos tem impactos também quando vamos analisar os pronomes romenos. Eles possuem formas em quase todos os casos, à exceção do vocativo, e também podem ser classificados como pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos, interrogativos e indefinidos, mesmas categorias que encontramos no português, o qual ainda conta com pronomes adjetivos e substantivos. A única grande diferença nesse sentido é que os pronomes pessoais romenos têm duas subclassificações, podendo ser tanto absolutos quanto conjuntos. Os primeiros podem ser empregados isoladamente, enquanto os outros só assumem valor quando vêm ao lado de verbos.

Quanto aos numerais, não se nota tantas diferenças. As duas línguas escolhidas para comparação têm duas classificações idênticas para essa classe: cardinais (*unu* >um, *doi* > dois, *trei* > três, ...), ordinais

(*întâiul*> o primeiro, *al doilea*> o segundo, ...). Há também outras ordens de numerais: fracionários, multiplicativos, entre outras, que não iremos desenvolver aqui por questões de espaço.

Quando partimos para analisar o sistema de conjugação verbal romeno, a primeira observação que fazemos é que lá esse sistema é bem mais aprofundado do que o do português, considerando que temos somente três conjugações, enquanto o romeno tem onze, cada uma com sua particularidade e paradigma próprio. Há de se mencionar, porém, que normal e tradicionalmente, nesse idioma havia somente quatro. O romeno também tem mais tempos e modos do que nossa língua. Considerando a extensão que um comentário sobre os verbos poderia tomar, não detalharemos esse sistema, recomendando novamente que os interessados consultem os capítulos 7 da obra de Ramona Gönczöl-Davies e 10, 11 e 12 de Fernando da Fonseca. Aliás, como se trata de uma obra mais antiga, o manual do autor português ainda aborda somente as quatro declinações tradicionais que mencionamos, enquanto a da romena já desenvolve as onze, mais contemporâneas e fixadas pelo órgão regulador do idioma romeno.

As três últimas classes de palavras que mencionaremos serão as conjunções, interjeições e preposições. Aqui nos basearemos somente no manual de Ramona Gönczöl-Davies, visto que o de Fernando da Fonseca propõe ao seu leitor somente uma lista de termos que se encaixam nessas classes, além de suas respectivas traduções para o português.

No que tange às preposições, em primeiro lugar, não se notam tantas divergências, haja vista que elas têm tanto no romeno quanto no português, as mesmas circunstâncias (lugar, tempo, causa, etc.), podendo ser, igualmente ao que ocorre em nosso idioma, simples (*asupra* > sobre, *fără* > sem, *prin* > através, etc.). Porém, há também preposições compostas, as quais são formadas pela união de duas preposições ou a de uma preposição com um substantivo ou adjetivo. Essas incluem, por exemplo: *de după* > depois, *împrejurul* > ao redor de, *dinăuntrul* > de dentro/dentro, entre outras. Há também sintagmas preposicionais, ocorrentes em ambas as línguas: *din cauza* > por causa de, *în afară de* > além de, *o dată cu* > ao mesmo tempo em que, entre outras construções. Ramona propõe ao leitor uma lista de verbos que devem ser seguidos por preposições específicas. Isso nos possibilita pensar numa comparação dessas com as regras portuguesas de regência verbal.

As conjunções, em ambas as línguas abordadas no nosso trabalho, são usadas para unir orações em períodos compostos ou palavras, tanto subordinativa quanto coordenadamente. Tanto o romeno quanto o português têm conjunções coordenativas e subordinativas, além das mesmas classificações para tais partículas. Não há motivo para, então, traçar um comentário mais longo e aprofundado.

Por último, temos as interjeições. Essas palavras invariáveis são usadas para expressar, verbalmente, sensações físicas e/ou mentais, além de impressões. Ramona Gönczöl-Davies apresenta a seu leitor 14 classificações para as interjeições, as quais incluem aquelas para indicar surpresa (ex.: *Doamne!* > Senhor!), desgosto (*Pfu!* > Pff!), quase o som de um sopro) e até mesmo xingamentos os quais, por decoro e respeito ao público leitor, não proporemos aqui. Não há, percebe-se, grande diferença nesse aspecto entre romeno e português. Convém lembrar, porém, que as classificações para interjeições podem crescer e incluir outras, não sendo possível determinar uma quantidade finita dessas, até mesmo porque uma mesma interjeição pode se incluir em várias categorias, como *Poftim!* no romeno, numa situação que equivale ao do nosso *Oi* usado quando pedimos mais clareza sobre algo.

Por último, faremos um breve comentário sobre os processos de formação de palavras do romeno. Ramona nos mostra que uma palavra nova pode ser formada a partir do emprego de prefixos e sufixos, além do processo de composição, quando um novo termo é originado a partir de dois ou mais radicais. Esses são, então, parecidos com o que ocorre na gramática do português.

5. Olhando para o futuro: Considerações finais

Como pudemos perceber, de fato, há várias diferenças entre o romeno e o português, as quais vêm desde a origem de ambas as línguas. Porém, como também destacamos, ainda que sejam diferentes, pudemos encontrar várias semelhanças, ao menos na morfologia, nas duas, além de termos que podem ser entendidos por não falantes de romeno sem maiores problemas, o que revela como a percepção, ainda que básica, de termos cognatos, pode contribuir para que conheçamos e entendamos mais a respeito de uma língua em que ainda não temos conhecimentos avançados.

Esses mesmos encontros vocabulares revelam que o romeno, de fato, é uma língua românica e, portanto, deve ser respeitada como tal. Se o fato deter tido influências eslavas, por exemplo, tira do romeno esse caráter, então poderíamos pensar que o português e o espanhol também poderiam perde-lo, considerando que o léxico dessas línguas teve certa influência pelos povos muçulmanos, falantes de árabe, que estiveram presentes na Península Ibérica, e obviamente seria errado dizer que só por isso o português e o espanhol não são línguas irmãs, partes da mesma família linguística.

A leitura comprova o que David Crystal afirmava a respeito de características únicas revelarem como as línguas são dignas de interesse, fascínio, etc. Como explicar que nenhuma das outras grandes línguas neolatinas tem a expressão do gênero neutro, por exemplo, e que somente o romeno a conservou? Essa pergunta apenas pode despertar a curiosidade para que mais estudos sejam feitos e que novos interessados nos estudos de língua, cultura e literatura romena surjam. Esse pode ser o primeiro passo para que o romeno, finalmente e de fato, assuma seu lugar nos estudos de Linguística e Filologia Românicas no Brasil, sendo portanto reconhecido como nosso irmão e respeitado, além de analisado, mesmo que superficialmente. Espera-se, por fim, que a pesquisa tenha despertado motivação para novas análises e estudos, os quais somente contribuirão para expandirmos nossos conhecimentos e horizontes, tanto quanto alunos quanto como professores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970. (Biblioteca Brasileira de Filologia).

CRYSTAL, David. *Language death*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

DAUZAT, Albert. *L'Europe Linguistique*. Nova edição, reformulada e atualizada, com dezesseis mapas linguísticos. Paris: Payot, 1953.

DONATO, Hernâni. *A Palavra Escrita e Sua História*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1951.

EBERHARD, David M.; SIMONS, Gary F.; FENNIG, Charles D. (eds.). *Ethnologue: Languages of the World*. 23a ed. Dallas, Texas: SIL International, 2020. Disponível em <https://www.ethnologue.com/language/ron>. Acesso em 02 de novembro de 2020.

ELIA, Sílvio. *Preparação à Linguística Românica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FONSECA, Fernando Venâncio Peixoto da. *Método Prático da Língua Romena*. Lisboa: Gleba, 1944. Disponível em <https://archive.org/details/MetodoPraticoDeLinguaRomenaPorFernandoV.PeixotoDaFonseca1944>. Acesso em 19 de novembro de 2020.

GÖNCZÖL-DAVIES, Ramona. *Romanian: An elemental grammar*. Nova York: Routledge, 2008.

ILARI, Rodolfo. *Linguística românica*. São Paulo: Contexto, 2018.

NICULESCU, Alexandru. *História breve da língua romena*. Trad. de Olmar Guterres da Silveira. Rio de Janeiro: Presença, 1983. (Coleção Linguagem)

SALLES, Ricardo C. *O Legado de Babel: as línguas e seus falantes*. Volume I – Dicionário descritivo das línguas indo-europeias. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1993.

TAGLIAVINI, Carlo. *Le origini delle lingue neolatine*. 2a edição, revista e reelaborada. Bolonha: Casa Editrice Prof. Riccardo Patron, 1952.

Créditos das imagens:

Imagem 1: COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970. (Biblioteca Brasileira de Filologia).